

# EMMA GOLDMAN E LIÉV TRÓTSKY:

## Uma Análise Comparada dos Discursos

**NILCIANA ALVES MARTINS\***

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar a trajetória da feminista e anarquista Emma Goldman (1869-1940), bem como as diferenças existentes entre sua perspectiva e a do marxista Liév Trótski (1875-1940), principalmente, no que se refere a problemáticas como à centralização, as medidas políticas e a violência engendrada pelo Estado Bolchevique. Dito isso, optouse por comparar escritos dos referidos personagens, buscando salienta sobre a forma como essas questões e, também, o processo revolucionário russo é abordado nos respectivos textos. Ademais, buscou-se relacionar ambas as visões, sempre que possível, com a historiografia sobre o tema.

**Palavras-chave:** Emma Goldman; Liév Trótski; História Comparada.

### ABSTRACT

The present work has as general purpose research the path of the feminist and anarchist Emma Goldman (1869-1940), as well as the differences existing between her perspective and the one of the Marxist Liév Trótski (1875-1940), especially with regard to issues such as centralization, policy measures and the violence engendered by the Bolshevik state. That been said, it was chosen to compare the writings of these characters seeking to emphasize how these questions and also the Russian revolutionary process is approached in the respective texts. Furthermore, it was sought to maintain the visions whenever possible with a historiography on the subject.

**Keywords:** Emma Goldman; Liév Trótski; Comparative History.

\* Graduanda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).  
E-mail: nilcianaalves@gmail.com

## Anticlericalismo: Origens, Noção e Desdobramentos

Emma Goldman (1869-1940) foi uma revolucionária anarquista e feminista de origem russa, que em 1886 chegou aos Estados Unidos da América. Assim como a maior parte das pessoas do leste europeu que emigravam para os Estados Unidos, Goldman tornou-se operária em uma indústria têxtil. Entretanto, E.G. deixou a cidade de Rochester – sua primeira estadia em solo norte-americano – e mudou-se para Nova Iorque, com o intuito de iniciar sua militância pelo socialismo libertário. Os eventos ocorridos, em território norte-americano, em finais do século XIX marcaram profundamente a trajetória de Goldman e influenciaram a mudança de cidade, quer dizer, a *Revolta de Haymarket* (1886)<sup>1</sup> e, conseqüentemente, seus *Mártires*<sup>2</sup> fizeram com que E.G. decidisse por se dirigir até Nova Iorque, como o intuito de se aproximar do movimento anarquista da época<sup>3</sup>. Por fim, foi em Nova Iorque que E.G. conheceu pessoas que marcaram profundamente sua trajetória pessoal e política, como, por exemplo, o anarquista Alexandre Berkman<sup>4</sup>.

Por muito tempo a produção intelectual de E.G. foi negligenciada, visto que a maior parte dos estudos historiográficos sobre a personagem possuíam um apelo biográfico<sup>5</sup>. Entretanto, é possível verificar que E.G. elaborou análises consistentes no que se refere a importantes eventos históricos, entre os quais somassem o processo revolucionário russo (1905-1921) e a Revolução Espanhola. Ademais, o sindicalismo americano, o moralismo protestante da sociedade estadunidense, a repressão à sexualidade feminina, tudo isso influenciou diretamente Goldman e, por conseguinte, foram problemáticas presentes tanto em sua militância como em seu pensamento intelectual.

A continuada importância do pensamento de Goldman é fruto de sua visão pouco ortodoxa das lutas políticas e culturais de seu tempo [...] Goldman nunca endeuou qualquer ideologia a ponto de perder de vista as políticas cotidianas que Foucault, mais tarde, rotularia de controle e disciplina [grifo meu]. Não só se preocupava com a luta de classes e as políticas de massa, como também enxergava as inúmeras maneiras com que o poder invade a vida cotidiana, condicionando mentes, corpos e almas<sup>6</sup>.

1 Considerada como uma das origens do dia do trabalhador, a Revolta de Haymarket, que ocorreu em Chicago (1886), diz de manifestações populares que reivindicavam melhores condições para os trabalhadores, entre as pautas, estava à jornada por oito horas de trabalho. A referida revolta foi severamente reprimida pelo Estado, deixando vários mortos e feridos. Entre as pessoas presas, estavam oito anarquistas, acusados de terem lançado, durante a manifestação, um artifício explosivo. Entretanto, não existiam provas que legitimassem a referida acusação, por isso, iniciou-se uma campanha pela libertação desses anarquistas, que ficaram conhecidos como “Os mártires de Chicago”. Alguns desses socialistas libertários foram condenados à força, e outros, a prisão. A revolta, assim como a forma que a opinião pública acusava esses “mártires”, fez com que E.G. optasse por dar continuidade à luta desses militantes, isto é, tal evento contribuiu significativamente para que Goldman se aproximasse do movimento anarquista da época.

2 “Os mártires de Chicago” são Albert Parsons, Louis Lingg, Adolph Fischer, George Engel, August Spies, Michel Schwab, Samuel Fielden e Oscar Neebe.

3 GOLDMAN, Emma. *Vivendo minha Vida*. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2015.

4 Alexander Berkman (1870-1936) foi um anarquista de origem russa que emigrou para os Estados Unidos em 1888, onde se envolveu diretamente no movimento anarquista. Foi amante e companheiro de luta de Emma Goldman. Durante sua trajetória nos EUA foi preso, sob a acusação de ter tentado assassinar Henry Clay Frick. Ainda nos Estados Unidos participou do periódico *Mother Earth* e fundou o *The Blast*. Em 1917, Berkman e Goldman são sentenciados a dois anos de prisão por serem contra o alistamento obrigatório. Em 1919, ambos são deportados chegando ao território russo no mesmo ano. Em 1925, Berkman publicou a obra *O Mito Bolchevique*<sup>7</sup>, além disso, foi autor do livro *O ABC do anarcocomunismo*. Em 1936, Berkman comete suicídio. Ver: <http://www.anarquista.net/alexander-berkman/>. Acesso 15/10/17.

5 Sobre esta questão ver o texto – de Bruna Bianchi – presente na obra: GOLDMAN, Emma. *La mujer más peligrosa del mundo: textos feministas de Emma Goldman*. Edición: La Congregación [Anarquismo em PDF]. Portada: Reybum.

6 BLANCHETTE, Thaddeus. “Emma Vermelha e o espectro do ‘tráfico de mulheres’”, *Cad. Pagu* [online]. 2011, n.37, p.284-297. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200012>. Acesso 10/06/2018.

Em virtude de sua intensa militância, E.G. era taxada pela “esfera pública” norte-americana e pelo Estado como “a mulher mais perigosa do mundo”, sendo presa diversas vezes. Em 1906, funda o periódico *Mother Earth* (1906-1917) que publicava, entre outras coisas, artigos sobre a condição social da mulher, pois, afinal, E.G. foi uma grande ativista dos direitos, bem como da emancipação da mulher<sup>7</sup>. Ao falar sobre o pensamento intelectual de E.G., Margareth Rago, aponta que: “em diferentes frentes de ataque à exploração capitalista, ao imperialismo e à opressão de gênero, ousa discutir assuntos até então pouco enunciados por mulheres, mesmo entre as feministas”<sup>8</sup>. No que se refere ao feminismo de E.G., Elisabeth Souza Lobo, no livro *Emma Goldman: a vida como revolução* acrescenta:

O feminismo de Emma parece muito atual, na medida em que rejeita a armadilha de restringir a opressão das mulheres a uma questão de Estado, e ataca seus fundamentos nas práticas da sociedade, na sexualidade como na divisão do trabalho e na reprodução familiar. Analisa a opressão feminina a partir da questão sexual – ‘a principal arma da sociedade contra as mulheres’ –, pois, na medida em que são reprimidas na sexualidade, educadas para o casamento mas não para o amor, as mulheres se fazem escravas<sup>9</sup>.

Em 1919, E.G. e Berkman, são embarcados no navio *Buford* e, por conseguinte, deportados para a Rússia, devido as suas respectivas militâncias em solo norte-americano contra o alistamento obrigatório. Foi em 1919, que ocorreu a interseção entre a história de E.G. e a da Revolução Russa. Goldman encontrou-se, já na Rússia, com Angelica Balabanova<sup>10</sup>, que resolveu promover um encontro entre os anarquistas e Lênin, como afirma a intelectual Elisabeth Souza Lobo, no livro “Emma Goldman: a vida como revolução”<sup>11</sup>, bem como pontua a própria E.G. na obra *Minha desilusão na Rússia*<sup>12</sup>. O encontro se realizou<sup>13</sup> e, sobre as críticas iniciais de E.G. no que se refere à atuação do Partido Comunista naquele contexto, o secretário geral os identificou como mero sentimentalismo burguês e a aconselhou trabalhar para animar o equilíbrio revolucionário<sup>14</sup>.

Com isso, E.G. e Berkman conseguiram percorrer diversas fábricas e escolas de Moscou e, em Petrogrado, foram orientados a organizar uma viagem pelo território russo, com o objetivo de encontrar documentos que contribuíssem para a fundação de um Museu da Revolução. Os anarquistas “prepararam com entusiasmo a viagem, num trem especialmente equipado, com alguns companheiros de trabalho, *visas* e licenças para ter acesso às autoridades locais”<sup>15</sup>. Passaram por diversas regiões, o que os proporcionou uma visão mais profunda sobre

7 Emma Goldman concebia como coisas distintas direitos das mulheres e emancipação das mulheres.

8 RAGO, Margareth. “Prefácio à Emma Goldman: tráfico de Mulheres”, *Cad. Pagu* [online]. 2011, n.37, pp.263-271. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332011000200010>. Acesso: 12/11/2017.

9 LOBO, Elisabeth Souza. *Emma Goldman — A vida como Revolução*. São Paulo, Brasiliense, 1983.p.37.

10 Angelica Balabanova (1878-1965) militante comunista.

11 LOBO, *op.cit.*, p.61.

12 GOLDMAM, Emma. *Minha desilusão na Rússia, Vol. 1*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017, p.77-81.

13 É possível verificar a existência de fontes que comprovam a reunião entre o casal anarquista e Lênin, tal documentação pode ser encontrada no site *The Emma Goldman Papers-UC Berkeley Library*. Junto com uma imagem da documentação aparece a seguinte descrição — que nos ajuda a comprovar a reunião —, “In 1989, Glasnost opened archival exchanges of material that illustrated internal debates within the Soviet Union. This release from the former Central Party Archives shows the questions presented to Lenin in 1920 by Goldman and Berkman about the suppression of dissent and persecution of anarchists. He recorded their names, (which appear handwritten in the margins), as he listened to their concerns. The inadequacy of Lenin’s response as well as growing repression in Russia, and the slaughter of the Kronstadt rebels in 1921 prompted the two anarchists to leave Russia and try to stir up outside pressure to influence the situation there, while continuing to support the early vision of the revolution.[Emma Goldman and A. Berkman to Lenin, *circa* March 1920, Russian Center for the Preservation and Study of Documents of Recent History (RTSKhIDNI)].Disponível em: <http://www.lib.berkeley.edu/goldman/MeetEmmaGoldman/emmagoldmaninexile.html>. Acesso 23/06/2018.

14 LOBO, *op.cit.*, p.61-62.

15 *Ibid.*, p.62.

a realidade da revolução. O casal permaneceu na Rússia até 1921, momento no qual se viram obrigados a sair do país devido à intensa repressão, engendrada pelo Estado Bolchevique, em relação às dissidências políticas no geral e, em especial, aos anarquistas e sindicalistas.

Devido à existência do periódico *Mother Earth* E.G. publicou, ainda em solo norte-americano, uma série de artigos sobre diferentes temáticas. Ademais, no ano de 1910 ocorreu a publicação da primeira edição de *Anarchism and other essays*, que é uma compilação de textos de Goldman. Em 1923, E.G. publicou a obra *My Disillusionment in Russia*, que pode ser considerada um livro de forte caráter historiográfico e que se mostra em consonância com a historiografia mais recente sobre o tema, e no qual a socialista analisa a política adotada pelos bolcheviques entre os anos de 1919-1921, concebendo, por fim, Revolução Russa e o Estado Bolchevique de maneira distinta. O ano de 1924 marca o lançamento da obra *My Further Disillusionment in Russia*. Em 1931, publica sua autobiografia *Living My Life* que diz muito de sua vida pessoal, obviamente, mas também dos eventos nos quais esteve inserida. E.G. dedicou toda sua vida a Revolução e, mesmo com mais idade, manteve-se ativa no que tange sua militância. Durante a Revolução Espanhola (1936) desenvolveu atividades e apoiou os anarquistas na luta contra os regimes autoritários e totalitários. E.G. faleceu em 1940, no Canadá, depois de ter dedicado toda sua vida à luta pela emancipação dos oprimidos.

Em sua análise sobre a Revolução Russa e o Estado Bolchevique, E.G. foi capaz de resgatar a importância dos movimentos sociais organizados “espontaneamente”, quer dizer, pelas “pessoas comuns”, para o surgimento e desenvolvimento dos ciclos revolucionários. Além disso, ela escreveu sobre o caráter autoritário do socialismo adotado pelo Partido Bolchevique, isso tudo ainda no início do século XX. Dito isso, um estudo sobre os escritos de E.G. pode ser capaz de mostrar que essa mulher, em convergência com socialistas opositores ao Estado Comunista, elaborou uma análise social e histórica da revolução e, que em grande medida, essa interpretação está em consonância com a historiografia mais recente que trata sobre o tema.

Em 1923, são publicados, no jornal *The World*, escritos nos quais E.G. relata sua experiência em território russo entre os anos de 1919-1921. A compilação desses artigos compõe o texto *Dos Anos em Russia. Diez artículos publicados em The World. Traducidos y editados por Aurora, revista quincenal – New York, 1923*. Estes artigos<sup>16</sup> são uma forma de síntese dos pensamentos de E.G. sobre a Revolução Russa e o Estado Bolchevique. No decorrer do texto a autora dissertou sobre as medidas políticas, que adotadas pelos bolcheviques, acabaram contribuindo para a derrocada, já no início do século XX, da Revolução.

Entre os pontos criticados por E.G. está a forma como a paz de Brest-Litovsk foi adotada, afinal, na visão da socialista libertária, a maneira como o processo de assinatura do acordo se deu significou uma traição com os povos “não russos”, grupos que foram extremamente relevantes durante todo o processo revolucionário russo. Durante sua viagem pelo território, E.G. percebeu as consequências sociopolíticas das medidas adotadas pelo Estado Bolchevique (1919-1921) e, por isso, considerava que entre as medidas desmoralizantes e autoritárias adotadas pelos bolcheviques estava a destruição das cooperativas e a implantação da Razvyarstka: “o sistema de colheita forçada de comestíveis”<sup>17</sup> e a *Zagregaditelmy Stryad*: “o destacamento de soldados e tchekistas em cada estação para confiscar todo artigo trazido, por particulares à cidade”<sup>18</sup>.

A inviabilidade dos soviets e sindicatos funcionarem atendendo as necessidades e

16 GOLDMAN, Emma. *Dois anos na Rússia: Dez artigos publicados no 'The World'*. São Paulo, Instituto de Teoria e História Anarquista, 2017, p.34.

17 *Ibid.*, p.7.

18 *Ibid.*, p.25.

---

---

respeitando as vontades dos próprios trabalhadores, tanto no período das *guerras civis* como no momento posterior, estava diretamente relacionada, de acordo com a perspectiva de E.G., com a atuação de instituições como a Comissão Extraordinária. Esse foi um dos pontos mais criticados por E.G., afinal os soviets e demais comitês, que foram fundamentais para o desenvolvimento da revolução, se viam, naquele momento, silenciados pelo Estado Bolchevique.

A insistência de Lênin em dar continuidade e/ou fortalecer o trabalho obrigatório, em um contexto no qual os trabalhadores já prestavam serviços por mais de oito horas diárias, também foi um fator que E.G. se opôs veementemente, ainda mais dada à dificuldade encontrada por esses trabalhadores para conseguir ter acesso ao mínimo para subsistência, devido às condições adversas geradas pelos conflitos civis e pelo *terror vermelho*.

A interpretação sociopolítica de E.G. em torno do processo revolucionário russo (1905-1921) e das medidas adotadas pelos bolcheviques entre os anos de 1919-1921 é extensa, não sendo possível analisá-la por completo neste artigo, entretanto, entre os pontos analisados por E.G. está a atuação de Liév Trótski na Revolta de Kronstadt. A análise do marxista-leninista e a de Goldman são, em grande medida, diferentes, o que tem relação direta com a visão teórica de cada autor. Em julho de 1938, o periódico *Vanguard* – localizado em Nova Iorque – publicou o artigo *Trotsky protesta em demasia*<sup>19</sup>, escrito por Goldman, no qual ficam visíveis distinções entre sua visão e elaborada por Trotsky na obra *A Revolução Desfigurada*<sup>20</sup>, que teve sua primeira publicação em 1937. Por isso, esses dois textos serão utilizados, assim como outras narrativas de caráter historiográfico, como forma de ilustrar a consistência histórica das posições, bem como as divergências existentes entre os sujeitos analisados.

No que se refere à obra *A Revolução Desfigurada*<sup>21</sup>, ela é, segundo o próprio autor, uma narrativa que buscava, em primeira instância, refutar as acusações que a escola de Josef Stalin<sup>22</sup> lançou sob Trótski, no período conflituoso da facção dirigente da URSS, que dizer, após a morte de Lênin. O autor recorre a uma série de documentos – registros oficiais do partido comunista, recortes de jornais – para demonstrar que suas divergências com Lênin sempre foram, em certa medida, irrelevantes frente às suas convergências. Sua ideia é apontar que ele sempre foi um fiel marxista-leninista e que, em última instância, sempre apoiou as medidas leninistas do Partido<sup>23</sup>. Nas palavras do próprio Liév Trótski: “Será necessário repetir que jamais pretendi nem pretendo criar uma doutrina particular? Em teoria sou discípulo de Marx. Em se tratando dos métodos da Revolução, passei pela escola de Lênin”<sup>24</sup>.

No decorrer da obra é possível verificar quais os fatores, dentro da perspectiva de Trótski, estavam contribuindo para a desfiguração da revolução e que, posteriormente, poderiam derrotar a revolução, bem como quais foram as possíveis soluções encontradas por ele. A primeira edição do livro é de 1937, ou seja, quatorze anos antes Goldman já havia salientado sobre os problemas decorrentes das medidas do Estado Bolchevique e, entre eles,

---

19 Disponível em português na obra: GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Editora Hedra, 2007, p.120.

20 TROTSKY, Leon. *A Revolução Desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007.

21 *Idem*.

22 Josef Stalin (1878-1953) foi integrante do Partido Operário Social-Democrata Russo. Com a ascensão dos bolcheviques ao poder ocupou diferentes cargos e funções, mas, posteriormente, com a morte de Lênin, Stalin tornou-se secretário geral do Partido Comunista da União Soviética entre os anos de 1922 até sua morte em 1953.

23 Trotsky faz uso de uma série de documentos oficiais para demonstrar que os integrantes do Partido Bolchevique, ligados à figura de Stalin, tentavam atribuir uma importância exagerada às suas divergências com Lênin. Segundo o autor, ao falar sobre esses desacordos: “não se tratava de luta de princípios, mas da elaboração do melhor plano para repelir o inimigo no momento e no lugar dados.” TROTSKY, Leon. *A Revolução Desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007, p.68.

24 *Ibid.*, p.19.

a anarquista criticou ferozmente a atuação de Trotsky durante a *Revolta de Kronstadt*, como também sua liderança na intensa perseguição aos anarquistas. Segundo Goldman: “Em abril de 1918, veio outro golpe. Por ordem de Trotsky, os quartéis gerais anarquistas em Moscou foram atacados pela artilharia, alguns anarquistas ficaram feridos, um grande número foi preso e todas as atividades anarquistas foram ‘liquidadas’”<sup>25</sup>.

Em 1921, Goldman e Berkman deixavam a Rússia com uma certeza: a revolução havia sido derrotada. Trótski, em 1937, propunha que o perigo para a revolução encontrava-se na forma de atuação que seria adotada pela direção estatal russa e, por isso, a continuidade ou não da revolução estava em aberto, pois, afinal, segundo ele “a luta inda está inteiramente por vir”<sup>26</sup>. Isto é, no que diz respeito à perspectiva de Liév Trótski, presente na obra *A Revolução Desfigurada*, as medidas adotadas pelo Estado Bolchevique, ainda sob a liderança de Lênin, não significaram um rompimento com o processo revolucionário russo. A concepção de E.G. segue, em grande medida, um sentido oposto a de Trótski, visto que ela pretende, em seus escritos, evidenciar o contraste existente entre as ações políticas presentes nos ciclos revolucionários russos e as medidas adotadas pelo Estado Bolchevique (1919-1921). Isto é, E.G. buscava, em última instância, evidenciar o papel do Partido Bolchevique, ainda entre os anos de 1919-1921, para a desconfiguração da Revolução. Ademais, E.G. acrescenta, no artigo *Trotsky protesta em demasia* que “é verdade – admito-o de bom grado –, a ditadura tornou-se monstruosa sob o reinado de Stalin. Mas isso não diminui, no entanto, a culpabilidade de Leon Trotsky, que foi um dos atores do drama revolucionário do qual Kronstadt constituiu uma das cenas mais sangrentas”<sup>27</sup>.

Para Liév Trótski, segundo a sua narrativa em *A Revolução Desfigurada*, as medidas adotadas pelo Partido Bolchevique, sob a liderança de Lênin, não tinham um caráter necessariamente contrarrevolucionário. Visto que, em última instância, as medidas eram recuos importantes para a consolidação da *ditadura do proletariado* – como se pode observar no fragmento abaixo – o que evidencia o caráter etapista do posicionamento adotado por Trótski, pelo menos de acordo com a narrativa presente na referida obra. De qualquer forma, tal visão destoa-se da elaborada por E.G., visto que ela analisa não só consequências sociais oriundas da *Nova Política Econômica* (1921), bem como a NEP em si, como uma medida que potencializou as condições sociais que o processo revolucionário russo buscava destruir, como se pode verificar no segundo fragmento abaixo.

*Certos progressos, aliás, importantes, da burguesia sobre a base da NEP, eram inevitáveis; eram por um lado necessários ao progresso do próprio socialismo [grifo meu]. Os mesmos avanços econômicos da burguesia podem, porém, alcançar uma importância e um grau de perigos variáveis, conforme a classe operária e, antes de tudo, o seu partido fizerem uma ideia justa dos processos e mudanças que se operam no país e manejarem o leme com segurança. A política é a economia concentrada. Na presente fase, a questão econômica da República Soviética resolve-se mais do que nunca do ponto de vista político [grifo meu]*<sup>28</sup>.

A Rússia estava assim gradualmente ressuscitando as condições sociais que a grande revolução viera para destruir. Mas o retorno ao capitalismo de maneira alguma mudou a atitude dos bolchevistas em relação aos elementos de esquerda. Ideias e práticas burguesas deveriam ser encorajadas para desenvolver a vida industrial na Rússia, mas as tendências

25 GOLDMAN, Emma. “Minha outra desilusão na Rússia”, *Verve* [online]. 2007, n°11, p.109-122. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5060>. Acesso 24/06/2018.

26 TROTSKY, Leon. *A Revolução Desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007, p.13.

27 GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Editora Hedra, 2007, p.120.

28 TRÓTSKI, *op.cit.*, p.14-15.

O ponto fundamental, o que poderia proporcionar a desconfiguração da revolução, na perspectiva de Liév Trótski, de acordo com sua narrativa em *A Revolução Desfigurada*, seria a *direção estatal da “escola stalinista”*. Pois, para o autor, o problema central, isto é, o que poderia dar fim ao processo revolucionário russo, encontrava-se na direção estatal e esta, por sua vez, naquele momento, era dominada pela escola stalinista; e não nas medidas políticas autoritárias tomadas desde o governo de Lênin, como propunha E.G.. Sua visão era que determinadas medidas como o *Tratado de Brest-Litovsk* e a *Nova Política Econômica* (NEP) eram recuos, concessões necessárias, e que os perigos decorrentes delas, quando haviam, seriam neutralizados pela direção estatal, daí a importância substancial de se refletir sobre o papel dos membros da direção estatal, segundo Liév Trótski. Tal perspectiva, a de que as referidas medidas não significaram um rompimento com as ações políticas típicas de uma revolução social, difere substancialmente da perspectiva de E.G., como já mencionado.

Num país onde as forças produtivas essenciais são propriedade do Estado, a política da direção estatal constitui um fator direto e, para uma determinada fase, um fator decisivo da economia. Desde então, toda questão é saber se a direção é capaz de compreender a necessidade de uma mudança de política e está em situação de realizá-la praticamente [grifo meu]. Voltamos assim à questão de saber em que medida o poder do Estado se acha ainda nas mãos do proletariado e de seu partido, isto é, em que medida ele continua a ser o poder da Revolução de Outubro. Não se pode responder essa questão a priori [grifo meu] a esta pergunta. A política não se rege por normas mecânicas. As forças de classe e dos partidos revelam-se na luta. E a luta inda está inteiramente por vir [grifo meu]<sup>30</sup>.

Com a leitura do referido livro, ficam visíveis as divergências entre Trótski e Goldman, principalmente, no que se refere aos motivos que teriam contribuído para a derrocada da Revolução. Essas diferenças tem relação direta com suas respectivas visões de mundo. E.G., enquanto anarquista, não enxergava a criação e as medidas adotadas pelo Estado Comunista como uma necessidade histórica, uma continuidade da Revolução. Já Trótski, ao menos no livro analisado no presente artigo, buscava justificar a política bolchevique dos anos iniciais – que foi amplamente criticada por E.G. – isto é, as medidas autoritárias, as de concessões a países capitalistas, bem como às camadas burguesas da sociedade, como algo, em certa medida, inevitável, visto que, nas palavras do próprio Trótski, como já mencionado, “certos progressos, aliás, importantes, da burguesia sobre a base da NEP, eram *invitáveis*; eram por um lado necessários ao progresso do próprio socialismo [grifo meu]”<sup>31</sup>; ademais o autor pontua que “as concessões às classes burguesas *não constituem ainda uma violação da ditadura do proletariado*. Em geral, não existe na história dominação de classe de pureza química [grifo meu]”<sup>32</sup>. Em síntese, pode-se crer que as medidas engendradas pelo Estado Bolchevique nos anos iniciais de sua consolidação não deram fim a Revolução, isto na visão de Léon Trótski, presente na obra *A Revolução Desfigurada*.

Uma ditadura de uma absoluta pureza química só poderia existir em um espaço imaterial. O proletariado dirigente é obrigado a contar com as outras classes e, segundo a proporção das forças no interior do país ou na arena internacional, a *fazer concessões às outras classes* [grifo meu] a fim de manter seu domínio. Toda questão reside nos limites dessas

29 GOLDMAN, Emma. “Minha outra desilusão na Rússia”, *Verve* [online]. 2007, n°11, p.109-122. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5060>. Acesso 24/06/2018.

30 TROTSKY, Leon. *A Revolução Desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007, p.13.

31 *Ibid.*, p.14.

32 *Ibid.*, p.10.

concessões e no grau de conhecimento consciente com que são feitas<sup>33</sup>.

Na obra *A Revolução Desfigurada*, Trótski, de uma maneira muito sintética, aponta como ele interpretava a Revolução Russa. Segundo o autor, era possível perceber dois momentos dentro da Revolução, como se pode verificar no primeiro fragmento abaixo. O primeiro se caracterizava como o período de consolidação da *ditadura do proletariado*, período de vida de Lênin. O segundo momento, após a morte de Lênin, se “caracteriza pelo crescimento de *elementos de um dualismo de poder* [grifo meu]”<sup>34</sup>. Como se pode observar no segundo fragmento abaixo, segundo Trótski, a entrada de determinadas camadas nos quadros do Partido contribuiu para o surgimento deste segundo momento da história da revolução. Ademais, o autor salienta sobre a importância de se compreender o papel da direção estatal neste segundo momento da história da revolução, pois esta direção seria um fator fundamental para a continuidade – ou não – do processo revolucionário russo. Visto que, dependendo da atuação da referida direção, poderia surgir uma dualidade de poder político, o que colocaria em risco a ditadura do proletariado.

A Revolução de Outubro divide-se, com a doença e a morte de Lenin, em dois períodos que se diferenciarão tanto mais nitidamente um do outro quanto mais nos afastamos dele. O primeiro período foi à fase da conquista do poder, da instituição e do fortalecimento da ditadura do proletariado, de sua defesa militar, dos atos essenciais aos quais teve que recorrer para determinar seu caminho econômico. O Partido, em conjunto, tinha consciência nesse momento de ser o alicerce da ditadura do proletariado; é desta consciência que ele extrai sua segurança interna. O segundo período se caracteriza pelo crescimento de elementos de um dualismo de poder [grifo meu]. O proletariado que conquistou o poder em Outubro, devido a uma série de causas materiais e morais de ordem interna e externa, é afastado, rebaixado a um plano inferior<sup>35</sup>.

Significam não só que o número dos burocratas aumentou, mas que os meios dirigentes se integram cada vez mais nas camadas sociais superiores da sociedade soviética das post-NEP, que estão sendo criados dois andares, duas formas de vida, dois gêneros de costumes, dias espécies de relações, ou, resumindo os elementos de uma dualidade nas condições de existência [grifo meu] que continuam se desenvolvendo podem originar uma dualidade de poder político. Ora, uma dualidade de poder político será já uma ameaça direta para a ditadura do proletariado<sup>36</sup>.

O movimento anarquista, assim como Goldman, tinha uma visão diferente da de Trótski sobre esse contexto. Para os socialistas libertários, aquele momento fazia emergir as consequências das medidas adotadas pelo Estado Comunista desde sua formação, tinha-se, por fim, o fortalecimento do capitalismo no território russo e o esmagamento da Revolução. Na perspectiva de Trótski, no que diz respeito à obra *A Revolução Desfigurada*, medidas como a *Nova Política Econômica*, assim como outras políticas bolcheviques – que, na prática, acabaram por fortalecer a burguesia russa e aumentar o autoritarismo político – não era um problema em si, por isso, não significavam a derrocada da Revolução Russa. Para ele o fim da revolução só aconteceria, caso a “escola stalinista” se mantivessem na direção estatal, pois esta afastava o proletariado do poder. De qualquer maneira, a ideia de que os trabalhadores atuavam diretamente ou possuíam, de fato, o poder durante o período de consolidação do Estado Bolchevique liderado por Lênin, não se comprova historicamente. Como acrescenta o historiador Daniel Aarão Reis Filho:

33 *Ibid.*, p.11.

34 *Ibid.*, p.8.

35 *Ibidem*.

36 *Ibid.*, p.131.

---

---

A consolidação dos bolcheviques no poder passa por duas fases: a primeira vai até a assinatura da paz com a Alemanha. O período é marcado pela ampla aliança social que permitira a vitória em outubro. Depois da paz, a aliança será rompida e os bolcheviques se isolarão no leme do Estado<sup>37</sup>.

Dito isso, é possível verificar que E.G. já compreendia o *Tratado de Brest-Litovsk*, o *comunismo de guerra*, a *Nova Política Econômica* como problemas em si, medidas que, em conjunto com a força imperialista dos países capitalistas, deram fim a revolução. Além disso, ela observou o uso político que Lênin fez da *Revolta de Kronstadt*, pois, taxando esse evento como inimigo, o bolchevique conseguiu aprovar a NEP com facilidade. Goldman considerava a revolução russa como algo distinto da criação do Estado Bolchevique, diferentemente de Trótski. Para o marxista, as medidas que Goldman criticava, era na verdade recuos necessários para a consolidação da *ditadura do proletariado*.

E escusado dizer que mesmo no primeiro período – 1917-1923 – não é homogêneo do princípio ao fim. Ali também houve não só movimentos para frente, mas recuos. Ali também a Revolução fez importantes concessões: de um lado à classe camponesa, do outro a burguesia mundial. Brest-Litovsk foi o primeiro recuo da Revolução Vitoriosa. *Depois que a Revolução recomeçou a sua marcha para frente* [grifo meu] [...] Entretanto, o maior recuo foi, de modo geral, a nova política econômica (a NEP) [...] Em sua a NEP encobria possibilidades de dualidade de poder. Mas só existiam por enquanto no potencial econômico. Elas só desenvolveram uma força real no segundo capítulo da história de Outubro<sup>38</sup>.

Segundo o bolchevique: “Não somente não me opus à transição à NEP, mas ao contrário, esta vinha ao encontro de minhas próprias experiências na economia e na administração”<sup>39</sup>. Sobre a divergência de Trótski com Lênin a respeito do tratado de paz com a Alemanha, o primeiro declara: “A experiência demonstrou que Lenin tinha razão”<sup>40</sup>. Em relação à política de Lênin no que tange os camponeses, Trótski declara: “O curso da política em relação ao camponês foi adotado com a minha mais ativa participação”<sup>41</sup>. Todas essas medidas adotadas por Lênin e Trótski foram severamente criticadas por E.G., o burocratismo que Trótski só começa a se opor durante a ascensão do segundo momento da Revolução Russa, Goldman já o criticava no período de consolidação do Estado Bolchevique.

E.G. enxergava a NEP como uma medida que transformava a Rússia, no que conhecemos hoje como *sociedade de mercado*<sup>42</sup>. A anarquista percebia essa política como uma medida que não representava as vontades e os interesses da população, por fim, a política deixava claro que o Partido Bolchevique não seguia uma linha revolucionária, na prática: “O slogan, *‘Roube os ladrões’*, havia se transformado agora em *‘Respeite os ladrões’*, e mais uma vez foi proclamada a santidade da propriedade privada”<sup>43</sup>. E.G., enquanto anarquista, não enxergava como tarefa da revolução criar um Estado, fazer concessões, fortalecer a burguesia, entre outras premissas que orientaram a ação do Estado Comunista Russo e foram legitimadas por Liév Trótski, em sua narrativa em *A Revolução Desfigurada*. Segundo E.G.:

---

37 FILHO, Daniel Aarão Reis. *A Revolução Russa 1917-1921*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p.77.

38 TROTSKY, Leon. *A Revolução Desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007, p.10.

39 *Ibid.*, p.54.

40 *Ibid.*, p.51.

41 *Ibid.*, p.61.

42 Cf. POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Compus, 1980.

43 GOLDMAN, Emma. “Minha outra desilusão na Rússia”, *Verve* [online]. 2007, n°11, pp.109-122. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5060>. Acesso 24/06/2018.

A nova política econômica transformou Moscou em um vasto mercado. O comércio se tornou a nova religião. Lojas e armazéns brotavam da noite para o dia, misteriosamente a Rússia estava amontoada de guloseimas que não tinha visto há anos [...] No edifício Politburo uma das maiores confeitarias foi aberta. Homens, mulheres, e crianças com faces contraídas e olhos famintos paravam, olhando fixamente pelas janelas e discutindo o grande milagre: o que ontem era considerado uma odiosa ofensa, estava agora ostentado na frente deles de uma maneira aberta e legal. Eu ouvi por acaso um soldado vermelho dizer: *É para isso que fizemos a Revolução? Para isso que nossos companheiros tiveram que morrer?*<sup>44</sup>.

Com o estudo da História compreendemos que determinados fenômenos, que emergem na superfície, são, algumas vezes, reflexos de um processo que vinha desenvolvendo-se em longo prazo. É dessa maneira que Emma percebe as medidas de Stálin: “Devo (...) ressaltar que Stalin não desceu do céu para vir perseguir de repente o (...) povo russo. Ele se contenta em continuar a tradição bolchevique, embora a faça de maneira mais impiedosa”<sup>45</sup>. Diferentemente de Trótski, E.G. percebeu as raízes históricas das práticas adotadas por Stálin, ela detecta a presença das medidas que traíram a revolução russa já no período que Trótski considera como o mais autêntico, isto é, o período de vida de Lênin e, por isso, de consolidação da *ditadura do proletariado*. Ademais, ao falar sobre a relação entre os anos iniciais do Estado Bolchevique e a ascensão de Stálin, o historiador Edward Carr acrescenta que “a criação de uma poderosa máquina partidária proporcionou, mais tarde, um instrumento para a ditadura de Stalin”<sup>46</sup>. É possível, ao ler as citações abaixo, perceber divergências interpretativas entre E.G. e Trótski.

Graças a Revolução de Outubro, nosso Partido recebeu em suas mãos um poderoso aparelho coercitivo sem o qual a ditadura do proletariado não se pode conceber. O centro dessa ditadura é o Comitê Central de nosso Partido<sup>47</sup>.

O processo que consistiu em destituir as massas russas de sua revolução começou quase imediatamente após a tomada de poder por Lenin e seu partido. A instauração de uma discriminação grosseira no racionamento e na moradia, a sua supressão de todas as liberdades políticas, as perseguições e as prisões contínuas tornaram-se o cotidiano das massas russas [...] *Em outros termos não foi Stalin que inventou a teoria e os métodos que esmagaram a Revolução Russa e forjaram novas cadeias ao povo russo* [grifo meu]<sup>48</sup>.

Em *A Revolução Desfigurada* Trótski declara fazer oposição a Stálin no que se refere a sua mão de ferro em lidar com vozes descontentes com o regime vigente na URSS. Visto que, segundo ele “a primeira qualidade de todo revolucionário é saber ir mesmo contra a corrente, saber lutar, mesmo nas condições mais difíceis, por suas concepções”<sup>49</sup>. Ora, esse mesmo Trótski esteve na liderança contra os marinheiros de Kronstadt. Não seria isso, uma contradição evidente? Para Emma Goldman, sem dúvidas.

Leon Trotsky afirmará certamente que toda crítica de seu papel durante a tragédia de Kronstadt só faz reforçar e encorajar seu inimigo mortal: Stalin. Mas é porque Trotsky não pode conceber que alguém possa detestar o selvagem que reina no Kremlin e o cruel regime que ele dirige, e ao mesmo tempo não isentar Leon Trotsky do crime que cometeu contra os

44 *Ibidem*.

45 GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Editora Hedra, 2007, p.119.

46 CARR, Edward Hallett. *A Revolução Russa de Lenin a Stalin*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p.46.

47 TROTSKY, Leon. *A Revolução Desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007, p.165.

48 GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Editora Hedra, 2007, p.119.

49 TROTSKY, Leon. *A Revolução Desfigurada*. São Paulo: Centauro, 2007, p.118.

---

---

marinheiros de Kronstadt. Em minha opinião, nenhuma diferença fundamental separa os dois protagonistas desse governo ditatorial, com diferença de que Leon Trotski já não se encontra no poder para prodigalizar seus favores, ao contrário de Stalin. Não, não defendo o atual dirigente da Rússia<sup>50</sup>.

### **Considerações Finais**

Buscou-se, no presente trabalho, investigar parte da trajetória pessoal e política de E.G., mas, principalmente, realizar uma análise comparativa entre a narrativa de Emma Goldman e Liév Trótski, no que se refere a algumas problemáticas ligadas à Rússia do século XX. Vale ressaltar, que tanto a anarquista, quanto o bolchevique produziram textos sobre o processo revolucionário russo, bem como sobre o Estado Bolchevique, por isso, ambos possuem uma vasta produção intelectual sobre o assunto. Dito isso, é importante assinalar que os pontos aqui colocados como parte da perspectiva de Trótski têm como base à narrativa presente na obra *A Revolução Desfigurada*, já em relação à produção de Emma Goldman selecionamos alguns artigos que possibilitaram uma análise comparativa entre sua perspectiva e a de Trótski. Por fim, houve seleções para a produção do presente artigo, sendo necessário ter em mente que este trabalho não esgota, ou ao menos, da conta de analisar toda a produção intelectual dos sujeitos investigados.

Recebido em: 13/02/2018

Aprovado em: 22/06/2018

---

<sup>50</sup> GOLDMAN, *op.cit.*, p.119.